Fig. 128 — Hipertrofiado útero.
— Redução $^1/_3$.

Fig. 129. — Miomas sub-serosos.
— Redução $^1/_5$.

Fig. 130. — Mioma pediculado do útero.
— Redução $^1/_3$.

Fig. 131. — Mioma submucoso.
— Redução $^1/_5$.

implantados dois enormes tumores sub-serosos sendo o maior bem pediculado e situado no fundo do corpo do útero.

O outro menor, não pediculado, ocupa toda a face anterior do útero e tem implantados três massas tumorais, pediculadas e de pequeno volume. Além dêstes existem outros tumores menos volumosos, pediculados. Na trompa direita existe um quisto.

461. — Miomas intersticiais, miomas sub-serosos. — Êste exemplar que é constituido por um útero com miomas intersticiais que lhe dão o aspecto bosselado, tem implantados vários miomas sub-serosos não pediculados, de volumes desiguais. Os dois ovários que estão anexos teem quistos muito volumosos, sobretudo o ovário esquerdo. No quisto direito existe muco e a trompa direita está engrossada.

462. — Mioma do útero. — Mioma sub-mucoso (fig. 130). — Êste exemplar tem a forma dum volumoso coração e está seccionado segundo o seu eixo maior, mostrando-se formado por uma massa compacta de consistência dura. A superfície do tumor é bosselada, rugosa e tem implantado um outro pequeno mioma, de forma alongada, que lhe servia de pedículo.

Êste exemplar foi expulso com grande hemorragia do lado do tumor. (Oferta de J. Costa Duarte).

463. — Mioma sub-mucoso (fig. 131). — Útero conservado em sêco. Aberto segundo a linha média anterior, mostra a cavidade uterina encerrando um fibro-mioma sub-mucoso, sessil e com o volume dum punho. Pesa 1.090 gramas e tem anexos os ovários e a parede posterior da vagina.

464. — Miomas intersticiais. — Miomas sub-mucosos. — Êste exemplar é constituido por um útero com os ovários e trompas respectivas. Está seccionado segundo a sua face anterior mostrando dois miomas sub-mucosos que ocupam o fundo da cavidade uterina.

Engrossando as paredes do útero, principalmente junto do colo, existem miomas intersticiais. No fundo do corpo do órgão, existe um outro mioma alongado no sentido transversal. A peça tem o pêso de 640 gramas.

465. — Miomas intersticiais. — Degenerescência coloide. — Esta peça é constituida pelo útero, por toda a trompa esquerda e por parte da direita, tendo inseridas ao colo do útero parte das paredes da vagina.

Observa-se pela secção feita que toda a parede posterior do útero está, bem como a anterior, invadida por um volumoso mioma intersticial, em degenerescência coloide, mostrando-se repleto de pequenos loculos cheios da mesma substância. Na parede anterior do colo do útero existe um mioma intersticial e outro no fundo do corpo do útero. A peça pesa 790 gramas.

466. — MIOMA INTERSTICIAL. — Êste exemplar é formado pelo útero com as trompas e ovários respectivos, tendo ainda aderente a parte superior da vagina. Está seccionado mostrando um mioma intersticial ocupando todo o corpo do útero. Pesa 150 gramas.

467. — MIOMAS INTERSTICIAIS. — MIOMAS SUB-MUCOSOS (fig. 132). — Êste exemplar é constituido pelo corpo do útero, seccionado segundo a linha média, mostrando vários pequenos miomas intersticiais dos quais um se encontra no fundo do útero. Sôbre a face antero-superior, à direita, encontra-se um mioma sub-seroso pediculado. Na trompa direita encontra-se um pequeno quisto do volume dum grão de bico com um grande pedículo. A peça pesa 330 gramas e em ambos os ovários há degenerescência coloide e pequenos quistos.

468. — MIOMAS INTERSTICIAIS. — É um tumor invadindo todo o útero, constituido pela aglomeração de pequenos miomas intersticiais, degenerados na sua região central e tendo o pêso de 515 gramas. É notável por estar degenerado e por ter aderentes, na região posterior, restos da parede dum quisto volumoso.

469. — MIOMA INTERSTICIAL. — MIOMAS SUB-SEROSOS (fig. 133). — Êste exemplar é formado por um tumor tendo o volume duma cabeça de feto, ao qual está ainda aderente, na região postero inferior direita o colo do útero.

É intersticial ocupando todo o corpo do útero, e tem à sua superficie numerosos tumores sub-serosos, dos quais se destacam dois do volume dum ovo de galinha inseridos por pedículo espesso na parte anterior e região superior do tumor intersticial.

470. — MIOMAS INTERSTICIAIS. — MIOMAS SUB-SEROSOS. — Êste exemplar pesa 1.550 gramas. É constituido pelo útero com os ovários e respectivas trompas.

Todo o órgão está invadido por um volumoso mioma intersticial

ao qual estão pediculados dois miomas sub-serosos, sendo o da parte anterior muito volumoso, alongado no sentido transversal e bem pediculado; o outro, tambêm pediculado, tem pequeno volume. Na extremidade esquerda do tumor pediculado encontra-se uma depressão. Aí o tecido mudou de aspecto mostrando a degenerescência quística do mioma.

471. — Mioma sub-seroso. — Degenerescência mucosa e calcárea. — Esta peça é constituida por um volumoso mioma, mostrando à secção, uma enorme cavidade. Na sua face externa existem nódulos, duros, cretáceos, de degenerescência calcárea. No ovário esquerdo existe degenerescência esclero-quística.

472. — Mioma sub-mucoso. — Exemplar constituido por um volumoso tumor sub-mucoso. Ao corpo do útero estão ainda ligados os dois ovários e respectivas trompas. A peça tem o pêso de 1.350 gramas. As paredes do útero estão muito engrossadas e quando se seccionou, tanto o útero como o tumor espalmaram-se por completo. Nos ovários há degenerescência esclero-quística.

473. — Mioma sub-mucoso. — Esta peça é constituida pelo corpo do útero tendo anexos os ovários e as trompas na sua situação normal. O ovário direito encontra-se esclerosado e aumentado de volume. O corpo do útero está achatado e as paredes atingem quinze milímetros de espessura. A cavidade está cheia por um volumoso mioma sub-mucoso, resvestido pela mucosa, tendo na sua parte média vestígios de substância gelatinosa.

474. — Mioma intersticial. — Mioma sub-seroso. — Á parte anterior dum útero seccionado, adere á parede posterior da bexiga. O útero aderiu ao recto pela sua face posterior e à porção ileo-pélvica do colon. O orgão semelha-se a um útero grávido sendo êste aspecto produzido por um volumoso mioma intersticial. Em cima e à direita encontra-se um mioma sub-seroso.

475. — Miomas intersticiais. — Miomas sub-mucosos. — Miomas sub-serosos. — Êste exemplar compõe-se do corpo do útero cujas paredes estão invadidas por miomas intersticiais de dimensões diferentes. Sôbre esta volumosa massa implantam-se bastantes miomas sub-serosos, dos quais o maior se enucleia da sua capsula com bastante facilidade. No fundo da cavidade uterina encontra-se um

mioma subseroso muito desenvolvido. A peça tem o pêso de 1.500 gramas.

476. — Miomas intersticial e sub-mucosos (fig. 134). — Êste exemplar é constituido pelo corpo do útero, totalmente invadido por um mioma intersticial volumoso ao qual estão anexos os ovários e trompas esclerosadas.

Êste volumoso mioma, de forma alongada e um pouco estreito na parte média, tem inseridos vários miomas sub-serosos dos quais seis não tem pedículo e são de dimensões que variam do volume duma avelã ao de um ovo de galinha e um pediculado, na parte posterior, muito volumoso, inserido por um pedículo quási filiforme.

477. — Miomas intersticiais e sub-serosos. — Êste exemplar é constituido por um útero cujo volume não é superior ao normal mas cujas paredes são espessas. Juntos estão os ovários e trompas esclerosadas. Nas paredes do útero notam-se dois pequenos miomas intersticiais, dum e doutro lado da incisão feita.

Na extremidade inferior do colo do útero está implantado um volumoso mioma sub-seroso, sessil, cuja porção distal está em degenerescência quística e coloide.

Da trompa esquerda, junto do pavilhão, pendem dois pequenos quistos, dos quais o maior está implantado por um longo e estreito pedículo. Na trompa direita, no pavilhão, existe um outro pequeno quisto.

478. — Miomas sub-serosos. — Êste exemplar é constituido por um útero deformado, com os anexos ainda aderentes, e no colo do qual se desinvolveram dois miomas sub-serosos, muito volumosos. Dêstes o que está em relação mais próxima do colo é menos volumoso e o mais distante tem quási o volume duma pequena cabeça de feto. Quando foram seccionados, êstes tumores espalmaram-se dando à peça um aspecto diferente do que tinha anteriormente.

479. — Mioma sub-mucoso. — Este pequeno exemplar é muito interessante porquanto foi operado, quando se procedia ao toque vaginal, pelo próprio dêdo do operador.

É alongado, muito vascularisado e está, além disso, em degenerescência.

480. — Miomas intersticiais e sub-serosos. — Degenerescência

Fig. 132. — Miomas intersticiais e submucosos. — Redução 1/3.

Fig. 133. — Miomas, intersticial e subserosos. — Redução 1/3.

Fig. 134. — Miomas, intersticial e submucosos. — Redução 1/5.

COLOIDE. — Esta peça é representada pelo corpo do útero totalmente invadido na face posterior por um volumoso tumor intersticial que deslocou a posição normal dos anexos, imprimindo-lhes uma rotação de 45°.

Tem os anexos muito esclerosados sobretudo o ovário esquerdo no qual há tambêm degenerescência quística.

No mioma intersticial estão implantados dois outros tumores volumosos, sub-serosos, dos quais o direito tem uma cavidade quística em cujas paredes se nota degenerescência coloide.

MARQUES DOS SANTOS.
ALBERTO PESSOA.

(Continua).

Miscelânea

O NOVO «EX-LIBRIS» DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Os emblemas das Faculdades da Universidade de Coimbra não aparecem senão a partir do século XVIII em edifícios ou papeis universitários. Emblema universitário nenhum tem a sua existência marcada nos Estatutos senão a chamada *insígnia*

da Universidade que andava no sêlo de prata da Universidade de Lisboa, e lhe fôra dado por el-rei D. Manuel. O sêlo veiu para Coimbra, quando a Universidade. Não tenho porêm, até hoje, encontrado nenhuma impressão dessa época, sendo a imagem impressa mais antiga, que conhecemos da insígnia, a que foi mandada fazer

por Pedro de Maris para os livros da livraria da Universidade e que ainda se encontra nalguns dos velhos livros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Nas aulas universitárias, havia como decoração grandes figuras emblemáticas dos Cânones, Teologia, Leis com os atributos clássicos que distinguem esses estudos. Estão hoje no Museu Machado de Castro.

Na chamada *porta férrea*, há, do século XVII, as figuras emblemáticas dos Cânones, Teologia Leis e Medicina.

Emblemas das Faculdades existem como decorações na Biblioteca e nos Gerais. Nesses emblemas, alêm dos atributos clássicos das Leis, Cânones, Teologia, Medicina, figurava sempre a borla doutoral que nêles afirmava a missão de ensino e a existência de faculdade. É pôr isso que os emblemas da Matemática não teem, nem nos Gerais nem na Biblioteca Geral da Universidade, representada a borla. Usados mais tarde nas cartas e nas pastas académicas, os emblemas modificaram-se conforme as épocas.

A própria *insígnia da Universidade* era transformada e posta à moda em cada reinado.

O emblema antigo da Faculdade de Direito que não tinha aliás existência oficial, não podia representar já os estudos desta faculdade, em que as sciências sociais são largamente versadas. Foi o sr. António Augusto Gonçalves, ilustre professor da nossa Universidade, o encarregado de organizar o novo emblema, cujo desenho reproduzimos em redução. O Direito e as Sciências sociais são nêle representados na figura de uma mulher que afasta com uma das mãos o véu para olhar para a luz da verdade que desce a banhar-lhe o corpo todo, enquanto com a outra estende sôbre o mundo um ramo de oliveira. A fôrça, simbolisada num leão, dorme tranquilamente de guarda.

Á frente, um livro aberto sôbre que bate em cheio a luz da sciência.

Mais uma vez o sr. A. Augusto Gonçalves soube dar vida nova a um velho símbolo, conservando-se, dentro da tradição, fiel à verdade histórica.

CENSO DE 1911. LONGEVIDADE EM PORTUGAL

O censo da população de 1911 fica sendo um trabalho de alto valor que, com as suas colunas cerradas de números, esclarece muitos problemas da vida nacional. Os dados estatísticos desta grande operação teem sido aproveitados com uma inteligência e um cuidado, que muito honram êste ramo de serviços públicos, e especialmente o seu saudoso director Agostinho Franco, que nêles desenvolveu uma actividade, que não estamos habituados a vêr nos meiôs burocráticos.

No volume II dêste censo, que se ocupa da composição da nossa população segundo as edades, ponderava-se que os maiores de 80 anos constituiam um efectivo de 52.783 indivíduos, ou 0,9 por cento da população total, encontrando-se assim Portugal em bôas condições com relação aos demais países, sobretudo se se atendesse aos 395 centenários, supondo que todos êles pudessem provar a autenticidade da idade que indicaram nos boletins do recenseamento.

Todos conhecem efectivamente a tendência que apresentam os indivíduos das idades avançadas para exagerar o número de anos, e assim ocuparem um lugar de destaque nesta aristocracia de nova espécie. Prometia-se por isso nêste volume um inquérito especial sôbre a longevidade, afim de verificar os resultados a

que os dados do censo tinham conduzido. Só assim é que se poderiam corrigir estes resultados, sendo certo que o alto algarismo dos centenários é próprio de países com serviços estatísticos mal organizados.

É esse trabalho sôbre a longevidade que a Direcção Geral de Estatística vai publicar, como a quarta parte do censo de 1911. Nêle encontram-se registados os dados estatísticos relativos aos indivíduos de 80 ou mais anos, agrupados por idades, distinguindo o sexo. É a primeira vez que se empreende no nosso país uma investigação desta natureza, em harmonia com a resolução tomada na sessão do Instituto Internacional de Estatística, celebrada em Berlim em 1903, onde se preconizou a necessidade de criar um estudo internacional e uniforme dos graus e das causas da longevidade nos diversos países.

É consolador para a humanidade verificar que a longevidade vai aumentando, não só quanto ao número de anos de vida, mas também quanto ao número de indivíduos que a atingem, isto é, tanto dum modo intensivo, como extensivo. Assim se vai prolongando a vida humana, ao mesmo tempo que, com a civilização, ela se vai tornando mais feliz. E se o aumento da longevidade se coordenar com o desenvolvimento da população no seu conjunto, isso é um sinal certo de progresso, como mostra Schmoller.

Em Portugal, tem-se feito sentir esta tendência para o aumento da longevidade, embora não muito acentuadamente, pois os indivíduos com 80 ou mais anos de idade, que eram 7,5 ‰ da população total no censo de 1890 e 8,6 ‰ no censo de 1900, constituem agora 8,9 ‰ dessa população. Houve um pequeno aumento de 1,4 ‰ nestes vinte anos, mas isto não deve admirar a quem souber que estes movimentos se operam muito lentamente. Basta notar que a longevidade aumentou na França únicamente cinco a seis anos em todo o decurso do século XIX.

Está averiguado que a longevidade é maior no sexo feminino do que no sexo masculino, correspondendo esta lei estatística a outra com ela íntimamente ligada, da maior mortalidade masculina. Ninguem ignora que a natalidade masculina é maior do que a feminina, mas que, apesar disso, todos os censos dos povos civilizados registam, em virtude daquele facto, um maior número de fêmeas do que de varões. Êste volume do censo dá a percentagem de 5,3 fêmeas de 80 ou mais anos em 1.000 habitantes, quando não vai alêm de 3,3 a proporção dos varões nas mesmas idades. Nos 395 centenários não passam de 130 os varões, quando as fêmeas atingem o número de 263, o que importa para estas o excesso sôbre os varões de 67 %.

A longevidade também varia muito conforme a condição social. Para esclarecer êste assunto, encontram-se nêste volume do censo biografias resumidas dos centenários e muito especialmente de alguns indivíduos mais idosos, dos 105 aos 120 anos. Vê-se dessas biografias que predominam nos centenários os indivíduos em boas ou regulares condições de subsistência, como é natural, visto um dos índices da degradação das classes pobres ser precisamente a sua elevada mortalidade, acompanhada da sua desordenada natalidade, como ainda recentemente mostraram os trabalhos de Niceforo sôbre tais classes.

A distribuição da longevidade pelos distritos é muito interessante. Excedem a média geral Aveiro (11,66), Leiria (11,34), Coimbra (11,30), Santarêm (11,01), Viana do Castelo (10,60) e Vizeu (8,85). Ficam abaixo da média Braga (8,28), Guarda (8,08), Castelo Branco (8,03), Vila Rial (7,76), Pôrto (7,19), Faro (7,12), Lisboa (6,91), Portalegre (6,73), Évora (6,58), Bragança (6,07) e Beja (5,49). Há, como se vê dêstes dados, uma zona eminentemente favorável à longevidade, constituida pelos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarêm.

Tais são algumas das conclusões que permite tirar êste notabilíssimo trabalho da Direcção Geral de Estatística e que rivaliza, tanto sob o ponto de vista scientífico como técnico, com o que há de melhor no estrangeiro.

ESTUDANTES ESTRANGEIROS NAS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS

No ano lectivo de 1913-1914, estiveram matriculados nas Universidades portuguesas os seguintes alunos:

Nacionalidades	Universidade de Coimbra	Universidade de Lisboa	Universidade do Porto
Espanha	—	4	—
França	1	—	—
Itália	1	—	—
Brazil	22	7	10
Estados-Unidos	1	—	—
Zanzibar	—	1	—
Total	25	12	10

Ao todo, por isso, 47 estudantes estrangeiros. É um algarismo muito reduzido, sobretudo se o compararmos com o dos estudantes estrangeiros das Universidades de outros países.

No ano lectivo de 1912-1913, o número de estudantes estrangeiros inscritos nas Universidades francesas foi de 5.560. No semestre de verão de 1912, a Suíssa contou nas suas Universidades 3.641 estudantes estrangeiros. No semestre de inverno de 1912-1913, as Universidades alemãs, sòmente da Prússia, tiveram 2.512 estudantes estrangeiros, e no semestre de inverno 2.385. No ano lectivo de 1913-1914, a Itália viu as suas Universidades frequentadas por 432 estudantes estrangeiros. Faltam-nos os dados da Bélgica, mas sabemos que no ano lectivo de 1908-1909, somente na Universidade de Lovaina, estiveram inscritos 251 estudantes estrangeiros.

Ninguêm pode duvidar das vantagens que um país pode tirar de nas suas Universidades se instruirem e educarem um grande número de estrangeiros, desde o momento em que as Universidades não devem ser simplesmente fábricas de diplomados, mas também centros de irradiação da civilização e da cultura nacional no mundo.

EMPRÉSTIMO UNIVERSITÁRIO

O decreto de 20 de novembro de 1914 autorizou a Universidade de Coimbra a levantar da Caixa Geral de Depósitos e Instituições de Previdência um empréstimo,

até à quantia de 60.000$ para obras nos edifícios pertencentes à mesma Universidade, não podendo o juro do empréstimo ser superior a 5 1/2 por cento ao ano, e devendo o capital ser amortizado dentro do prazo máximo de vinte anos.

O contrato com a Caixa Geral de Depósitos e Instituições de Previdência, em harmonia com estas bases, já foi celebrado tendo sido assinado em 26 de novembro de 1911. O Senado Universitário autorizou o levantamento de 30.000$ desde já, com as seguintes aplicações:

Faculdade de Letras (Construção do edifício próprio)	8.000$
Faculdade de Medicina (Obras no edifício do Museu)	10.000$
Faculdade de Sciências (Museu de Zoologia e Instituto Antropométrico)	12.000$

Os encargos de juro e amortização serão pagos pela metade do produto das propinas de inscrição, sendo considerados encargos da Universidade. Para garantia do empréstimo será consignada da dotação do Estado à Universidade, estabelecida no Orçamento Geral do Estado, a quantia que fôr necessária para os referidos encargos de juro e amortização.

REFORMA DO ENSINO SUPERIOR DO BRAZIL

A reforma do ensino superior do Brazil tem a data de 5 de abril de 1911. É interessante verificar como ela, em muitos pontos, obedece à mesma orientação da nossa reforma de 19 de abril de 1911, publicada por isso na mesma ocasião.

Os institutos do ensino superior são considerados corporações autónomas, tanto sob o ponto de vista didático, como administrativo. Gosam de personalidade colectiva, gerindo com inteira liberdade o seu património. Fazem parte dêsse património as taxas de matrícula, de frequência dos cursos, das inscrições em exames, etc.

A reforma procura mesmo, como se nota no seu bem elaborado relatório, fazer a transição suave e natural da *oficialização* do ensino para a sua completa *desoficialização*, corolário fundamental do princípio da liberdade profissional, consagrado na Constituição da República Brazileira. Por isso, a função fiscal do Estado é substituída pelo Conselho Superior do Ensino, ao qual compete, nêste regímen de transição, estabelecer as ligações necessárias e imprescindíveis entre a União e os estabelecimentos de ensino. O Conselho Superior do Ensino compõe-se dos directores das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, de Direito de S. Paulo e de Pernambuco, da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, do director do Colégio Pedro II e de um docente de cada um dos estabelecimentos citados. O presidente do Conselho Superior é nomeado livremente pelo Govêrno. Os docentes são indicados por eleição das Congregações e o mandato dêles é bienal.

O corpo docente de cada instituto de ensino superior compõe-se de professores ordinários, extraordinários efectivos, extraordinários honorários, mestres e livres-docentes. Os professores extraordinários efectivos são nomeados pelo Govêrno, que os escolhe dentre os três nomes propostos, em votação uninominal pela Congregação, mediante concurso de títulos e obras. A Congregação pode, em casos

especiais, indicar um só nome, sendo necessário, porêm, que o nome proposto reuna unanimidade de votos. A vaga de professor ordinário será preenchida com a nomeação do professor extraordinário efectivo da cadeira ou da secção respectiva, e, na falta dêste, por outro professor ordinário ou por um extraordinário, ou por um livre docente indicado pela congregação, mediante o concurso de títulos e obras, nos termos referidos. Cada instituto do ensino superior tem um director eleito pela congregação para um período de dois anos.

As matérias dos institutos do ensino superior serão distribuidas e lecionadas por séries, obedecendo a sua reunião e gradação ao nexo scientífico que as liga, indo do mais símples ao mais complexo. Estas matérias são professadas em conferências, aulas teóricas e práticas, de acôrdo com as necessidades pedagógicas. Para o efeito dos exames devem ser agrupadas, de modo que o aluno só passe por três exames: preliminar, básico e final. As provas dêstes exames serão orais e práticas. Para requerer a inscrição de exame, o candidato tem de apresentar atestados de frequência das respectivas disciplinas, passados pelos professores cujos cursos tenha seguido. Foi êste o correctivo que a reforma encontrou para o abuso a que levou o ensino livre no Brazil, da deserção completa das aulas.

Há nesta reforma muitas ideias que se encontram também adoptadas pela nossa reforma de 19 de abril de 1911. Isso mostra que essas ideias constituem princípios hoje assentes da pedagogia do ensino superior.

MOVIMENTO DO PESSOAL UNIVERSITÁRIO DESDE 1 DE OUTUBRO A 31 DE DEZEMBRO DE 1914

Faculdade de Letras

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, confirmado no cargo de Director da Faculdade, por Decreto de 17 de agosto de 1914 (*Diário do Govêrno,* II série, n.º 207, de 4 de setembro).

Dr. Luís Maria da Silva Ramos, aposentado, por Decreto de 26 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno,* II série, n.º 243, de 17 de outubro).

Eugénio de Castro e Almeida, nomeado professor extraordinário do 2.º grupo da Faculdade de Letras, por Decreto de 10 de outubro de 1914 (*Diário do Govêrno,* II série, n.º 265, de 12 de novembro). Posse em 13 de novembro.

Dr. Bernardo Augusto de Madureira, transferido do 2.º para o 6.º grupo da Faculdade de Letras, por Decreto de 10 de outubro de 1914 (*Diário do Govêrno,* II série, n.º 265, de 12 de novembro).

Escola Normal Superior

Por Decreto de 5 de dezembro de 1914 (*Diário do Govêrno,* II série, n.º 293, de 16 de dezembro), foram reconduzidos os seguintes professores:

Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, na cadeira de Pedagogia.

Dr. Francisco Martins, na cadeira de História da Pedagogia.

Dr. Luciano António Pereira da Silva, na cadeira de Metodologia das Sciências Matemáticas.

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, na cadeira de Metodologia das Sciências Naturais.

Faculdade de Direito

Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, aposentado, por Decreto de 19 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 232, de 3 de outubro).

Dr. José Maria Joaquim Tavares, nomeado professor ordinário do grupo de sciênciâs económicas da Faculdade de Direito, por Decreto de 10 de agosto de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 238, de 12 de outubro). Posse em 14 de outubro.

B.el Manuel Paulo Merêa, nomeado professor extraordinário do 1.º grupo da Faculdade de Direito, por Decreto de 5 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 240, de 14 de outubro). Posse em 15 de outubro.

B.el António Faria Carneiro Pacheco, nomeado professor ordinário do 4.º grupo da Faculdade de Direito, por Decreto de 7 de novembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 270, de 18 de novembro). Posse em 21 de novembro.

Dr. José Maria Joaquim Tavares, transferido para a Faculdade de Estudos Sociais e de Direito da Universidade de Lisboa, por Decreto de 26 de dezembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 303 de 29 de dezembro).

Faculdade de Medicina

Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, confirmado no cargo de Director da Faculdade de Medicina, por Decreto de 31 de outubro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 267, de 14 de novembro).

Faculdade de Sciências

Hildeberto António Botelho de Medeiros, nomeado 2.º assistente provisório do 1.º grupo da 3.ª secção da Faculdade de Sciências, por Decreto de 5 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 217, de 16 de setembro). Posse em 12 de outubro.

Por Decreto de 26 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 236, de 9 de outubro), foram reconduzidos os seguintes assistentes:

2.ª secção — Francisco Martins de Sousa Nazaré, no lugar de 1.º assistente do 1.º grupo.
— Rui da Silva Leitão, no lugar de 2.º assistente do 1.º grupo.
— Felismino Ribeiro Gomes, no lugar de 1.º assistente do 2.º grupo.
3.ª » — Miguel Marcelino Ferreira de Moura, no lugar de 1.º assistente do 1.º grupo.

Dr. Luís da Costa e Almeida, confirmado no cargo de Director da Faculdade de Sciências, por Decreto de 31 de outubro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 267, de 14 de novembro).

Escola de Farmácia

Manuel José Fernandes Costa, confirmado no cargo de Director da Escola de Farmácia, por Decreto de 31 de outubro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 260, de 6 de novembro).

Per Decreto de 21 de novembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 284, de 5 de dezembro), foram reconduzidos os seguintes assistentes:

Ricardo Simões Dias, no lugar de 2.º assistente.

António de Jesus Pita, no lugar de 2.º assistente.

Observatório Meteorológico e Magnético

Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, nomeado Director do Observatório Meteorológico e Magnético, por Decreto de 10 de setembro de 1914 (*Diário do Govêrno*, II série, n.º 234, de 7 de outubro).

Indice alfabético dos assuntos

Pág.

Abcessos (Sôbre) cerebrais de origem otítica, por Carlos de Melo:
— Prefácio 411
— I. Histórias clínicas e comentários . . . . . 412 e 691

Actuais tendências legislativas em matéria criminal, pelo Prof. J. Caeiro da Mata . . . . . 430 e 819

Anatomia (A) em Coimbra no século xvi, pelo Assistente Teixeira de Carvalho:
— I. Alonso Rodrigues de Guevara (Continuação do vol. II) 232, 565 e 846
— Notas e documentos . . . . . 260, 589 e 859

Apontamentos àcêrca da influência da lua no clima de Coimbra, por D. G. Dalgado 472

Apreciação (Uma) do projecto de Reforma dos Estudos Jurídicos (Aprovado pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em conselho de 27 de março de 1911), pelo Prof. Alvaro Vilela 97

Astronomia (A) dos Lusíadas, pelo Prof. Luciano Pereira da Silva (Continuação do vol. II):
— VIII. O astrolábio 112
— IX. Novo céu 478

Astronomia (A) náutica das descobertas portuguesas, pelo Prof. Luciano Pereira da Silva 672

Catálogo descritivo e iconográfico do Museu de Anatomia Patológica da Fac. de Medicina de Coimbra, pelos Assistentes Marques dos Santos e Alberto Pessoa (Continuação do vol. II):
Livro quinto: — Lesões do sistema linfático 279
— I. Lesões dos gânglios linfáticos . . . . . »
— II. Lesões do baço 280
Livro sexto: — Lesões do aparelho respiratório 282
— I. Lesões da laringe . . . . . »
— II. Lesões da traqueia e dos brônquios . . . . . »
— III. Lesões do pulmão . . . . . »
— IV. Lesões da pleura 288

Pág.
— Livro sétimo: — Lesões do aparelho digestivo e anexos 289
— I Lesões da boca . . . . . »
— II. Estômago. 290
— III. Intestinos 293
— IV. Anexos do aparelho digestivo. 295
— V. Parasitas, hernias, tumores 296
Livro oitavo: — Lesões do fígado e das vias biliares 298
— I. Lesões do fígado. . . . . »
— II. Vias biliares 304
Livro nono: — Doenças do aparelho urinário . . . . . »
— I. Doenças da uretra . . . . . »
— II. Doenças da bexiga 305
— III. Doenças dos rins 306
Livro décimo: — Lesões do aparelho genital 861
— I. Doenças da vulva . . . . . »
— II. Doenças da vagina. 862
— III. Doenças do útero 863

Comissão de redacção que dirigiu a publicação dêste volume. 5

Contribuição ao estudo do índice facial português, pelo Assistente Barros e Cunha 314
— I. Material e técnica. 316
— II. Médias e variabilidades do índice facial. 319
— III. Comparação da série masculina com a feminina 330
— IV. Distribuição do índice facial por províncias 335
— V. Comparação da série do Museu com outros dados. 345
— VI. Problema da influência da raça pre-histórica do Cro-Magnon sôbre a população portuguesa actual. 350
— VII. Conclusões gerais. 371
— Apêndice: — Descrição e principais medidas dos quatro crânios do tipo Cro-Magnonoide moderno 372

Contribuições para o estudo anátomo-patológico do ovo humano, por Geraldino Brites 663

Eclipse (O) de 21 de agosto de 1914, pelo Prof. Costa Lobo 605

Evolução (A) da moeda, por Anselmo de Andrade 647

Fotografia (A) métrica dos locais, pelo Assistente Alberto Pessoa . . 200 e 561

Francisco Rodrigues Lobo — Ensaio biográfico e crítico, pelo Prof. Ricardo Jorge (Continuação do vol. II):
— II. Na casa de Vila-Real. 7
— III. Na casa de Bragança. 515
— IV. Outras relações 539
Adenda. 730

Pág.
—— V. Castelhanismo 731
—— VI. Romances 752

Garcia d'Orta, pelo Assistente Teixeira de Carvalho 777

Miscelânea:
—— Bibliografia:
«Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra» 395
«Boletim da Faculdade de Direito» . . . . . »
—— Vária:
Comissão de redacção da «Revista da Universidade de Coimbra» 394
Estação de telegrafia sem fio no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra . . . . . »
Movimento do pessoal universitário desde 1 de janeiro a 30 de junho de 1914 396
Movimento do mesmo desde 1 de julho a 30 de setembro 646
Movimento do mesmo desde 1 de outubro a 31 de dezembro . . 881
Homenagem a Henri Poincaré 643
A tracção eléctrica em Coimbra e as observações do magnetismo terrestre no Observatório da Cumeada . . . . . »
Os exames e a comissão italiana para o estudo da reforma universitária 645
Últimas estatísticas portuguesas da população . . . . . »
O novo *ex-libris* da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra 876
Censo de 1911. Longevidade em Portugal 877
Estudantes estrangeiros nas universidades portuguesas 879
Empréstimo universitário . . . . . »
Reforma do ensino superior do Brazil 880

Modernas ideias sôbre a acção ígnea, pelo Prof. A. Ferraz de Carvalho . . 818

Monstro (Sôbre um) aprósopo (Dugès), por Geraldino Brites 159

Mortos ilustres, pelo Prof. Júlio Henriques:
—— Sir Joseph Dalton Hooker 619
—— Eduardo Bornet 623
—— Dr. Eduardo Strasburger 628
—— Alfredo Russel Wallace 630
—— Philippe van Tieghem 635

Notas de química biológica, pelo Assistente Nogueira Lobo:
—— I. Variações do azote amidado e amoniacal nas culturas de colibacilo 152
—— II. Contribuição para o estudo do metabolismo azotado nas bacterias 838

Novas (As) ideias sôbre o hipnotismo. — Aspectos médico-legais, pelo Prof. Egas Moniz 706

Pág.

Observações (Algumas) a uma edição comentada dos Lusíadas, pelo Prof. José Maria Rodrigues (Continuação do vol. II) . . . . . 173 e 446

Poderes (Os) do juíz no julgamento da acção, pelo Prof. J. Alberto dos Reis 399

Portugais (Les) et l'astronomie nautique à l'époque des grands découverts, por L. Gallois 676

Positividade (Sôbre a) como caracter acessório do direito, pelo Prof. Giorgio del Vecchio 504

Prof. António de Pádua, pelo Prof. Fernando de Almeida Ribeiro 380

Prof. Assis Teixeira, pelo Prof. Marnoco e Sousa. 389

Prof. Santos Viegas, pelo Prof. H. Teixeira Bastos 638

Teoria económica das reservas bancárias, pelo Dr. Ruy Ennes Ulrich . . . 44

Indice alfabético dos autores

Pág.

Alberto Pessoa (Dr.) vid. Marques dos Santos e A. P.

Alberto Pessoa (Dr.)

A fotografia métrica dos locais . . . . . 200 e 561

Alberto dos Reis (Dr. J.)

Os poderes do juiz no julgamento da acção. 399

Alvaro Vilela (Dr.)

Uma apreciação do projecto de Reforma dos Estudos jurídicos (Aprovado pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em conselho de 27 de março de 1911) 97

Anselmo de Andrade (B.el)

A evolução da moeda. 647

Barros e Cunha (Dr. J. Gualberto de)

Contribuìção ao estudo do índice facial português. 314

Caeiro da Mata (Dr. J.)

Actuais tendências legislativas em matéria criminal . . . . . 430 e 819

Carlos de Melo (Dr.)

Sôbre abcessos cerebrais de origem otítica . . . . . 411 e 691

Costa Lobo (Dr. F. Miranda da)

O eclipse de 21 de agosto de 1914 605

D. G. Dalgado (Dr.)

Apontamentos àcêrca da influência da lua no clima de Coimbra 472

Egas Moniz (Dr.)

As novas ideias sôbre o hipnotismo (Aspectos médico-legais) 706

Fernando de Almeida Ribeiro (Dr.)

Prof. António de Pádua 380

Ferraz de Carvalho (Dr. A.)

Modernas ideias sôbre a acção ígnea. 818

Geraldino Brites (B.el)

Sôbre um monstro aprósopo (Dugès) 159

Contribuìção para o estudo anátomo-patológico do ovo humano. 663

Giorgio del Vecchio

Sôbre a positividade como carácter acessório do direito 504

José Maria Rodrigues (Dr.)

Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas . . . 173 e 446

Júlio Henriques (Dr.)

Mortos ilustres. 619

L. Gallois

Les portugais et l'astronomie nautique à l'époque des grands découverts. 676

Pág.

Luciano Pereira da Silva (Dr.)
A astronomia dos Lusíadas . . . . . 112 e 478
A astronomia náutica das descobertas portuguesas 672
Marnoco e Sousa (Dr. J. F.)
Prof. Assis Teixeira 389
Marques dos Santos (Dr.) e Alberto Pessoa (Dr.)
Catálogo do Museu de Anatomia Patológica . . . . . 279 e 861
Nogueira Lobo (Dr.)
Notas de química biológica . . . . . 152 e 838
Ricardo Jorge (Dr.)
Francisco Rodrigues Lobo (Ensaio biográfico) . . . . . 7, 515 e 730
Teixeira Bastos (Dr. H.)
Prof. Santos Viegas 638
Teixeira de Carvalho (Dr. J. M.)
A anatomia em Coimbra no século XVI . . . . . 232, 565 e 846
Garcia d'Orta 777

Indice das estampas de página

Pág.

Reprodução, nas dimensões do original, da página de novembro do calendário que acompanha o *Regimento do estrolabio & do quadrante*, existente na Biblioteca de Munich 134

Astrolábio plano do Rei Afonso X de Castela (século XIII) 146

Gravuras do Catálogo descritivo e iconográfico do Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina de Coimbra:

—— Estampa I (fig. 80-83) 281

—— Estampa II (fig. 84-89) 285

—— Estampa III (fig. 90-93) 289

—— Estampa IV (fig. 94-97) 291

—— Estampa V (fig. 98-103) 295

—— Estampa VI (fig. 104-109) 299

—— Estampa VII (fig. 110-114) 305

—— Estampa VIII (fig. 115-118) 309

—— Estampa IX (fig. 119-122) 311

—— Estampa X (fig. 123-127 *b*) 313

—— Estampa XI (fig. 128-131) 870

—— Estampa XII (fig. 132-134) 874

Gravuras da Contribuição ao estudo do índice facial português:

Mapa da distribuição por províncias dos índices faciais 342

—— Estampa I 362

—— Estampa II 372

—— Estampa III . . . . . *

—— Estampa IV 374

—— Estampa V 376

Série de convergência indefinida. Base: o crânio de Cro-Magnon 362

Série de convergência indefinida. Base: o crânio de Grimaldi 368

Vista de Vila Viçosa 516

Paço do Reguengo (Vila Viçosa) 520

Frontispício do *Condestabre* 526

Frontispício da *Côrte na Aldeia* 528

Vista de Penacova 552

Declinações magnéticas de 26 a 29 de setembro, de 17 a 20 de janeiro de 1911, e de 30 de junho a 3 de julho de 1914 644

Desembarcación de S. M. Don Felipe III en Lisboa 734

Arco de los plateros 736

Arco dos flamengos 738

REVISTA
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

3

A
29
36